

A Respeito dos Folguedos Joaninos

Como devem ter notado os que costumam dar-me a honra de escutar este programa, venho consagrando, ultimamente, as preleções exclusivamente aos confrades. Isso porque, seja por inexperiência, seja por falta de melhores conhecimentos, há principiantes espíritas que continuam a incidir em certos erros, que, se não os afeta do ponto de vista moral, os prejudica sobremodo, quer no que concerne à mediunidade, quer no que diz respeito à saúde, quer no que toca, até à integridade física, razão por que devem ser evitados a todo preço.

Haja vista o que ocorre em relação aos festejos joaninos, tão inocentes na aparência, quanto prejudiciais por suas inevitáveis conseqüências.

Na verdade, para os que ignoram o lado oculto das coisas, o malefício ocasionado por essas festas, que, lamentavelmente, se prolongam por todo o mês de junho, e ainda, invadem o que se lhe segue, provém do perigoso contato com os fogos de explosão, que tantas vítimas fazem, mutilando umas e queimando outras, com inegável prejuízo para a nação, fato que, por si só, justificaria a imediata proibição dessa obsoleta tradição. Todavia, além dos perigos palpáveis

a que se expõem os participantes dos festejos joaninos ou, melhor, juninos e, até julhinos, há, nessas estrondosas e irritantes comemorações, um aspecto muito mais temível, imperceptível, bem sei, à maioria das criaturas, mas que o Espírita, cômico da incessante interpenetração do Mundo Espiritual em nosso plano existencial, não pode, ou, pelo menos, não deve desconhecer.

De fato, conforme tive oportunidade de lembrar aos confrades, quando profligui o uso do defumador, onde há fogo e pólvora, há, também, Espíritos atrasados, no mesmo nível de evolução daqueles que, nos “terreiros”, só trabalham auxiliados pelas energias e, quiçá, pelas matérias, que extraem, espiritualmente, da combustão provocada nos “pontos de pólvora”!

Por mais estranho que se nos afigure o fato, a experiência milenária de quantos médiuns, desde os primórdios de nossa civilização, hajam entrado em contato com o Além, demonstra que, lado a lado com a humanidade corpórea, vive, em nosso planeta, outra humanidade incorpórea, muito mais numerosa, que interfere não só em nossa esfera moral como, também, em nosso plano físico! Entrementes, o que é mais estranho ainda é que a maioria, senão a totalidade dessa humanidade invisível que habita a Terra, necessita das energias telúricas, para manterem certo equilíbrio psíquico aliado às antigas sensações corporais — tudo concorrendo para que tenham a impressão de que continuam encarnados, ou, quando não, de que toda a sobrevivência se desdobra aqui mesmo, na crosta terráquea! Na verdade, são Espíritos pouco evoluídos, que, por castigo, continuam as provações no próprio teatro de suas faltas, até que mereçam galgar novos planos, onde a vida se lhes depara para mais bela e mais feliz.

Ora, dentre os Espíritos atrasados, acorrentados, por suas mesmas imperfeições, ao plano terreno, muitos há que necessitam, para volitar e, destarte, realizar os próprios desejos ou os desejos alheios, de absorverem energias ou “fluidos” tóxicos, prejudiciais à saúde do homem, como é o caso dos gases da combustão da pólvora. E isso não é um devaneio: é fato de observação. O trabalho, para surtir efeito, deverá ser realizado de acordo com as abomináveis exigências desses Espíritos. E se a imposição foi a do “ponto de pólvora”, ou se satisfaz a determinação, ou nada se obterá deles. Ora, Espíritos dessa laia não servem nem para aliados. São mais dignos de piedade do que de simpatia. Carecem de amparo e de esclarecimento. Tanto atendem a um desejo hoje, como amanhã, irritados por qualquer contrariedade, vingam-se do incauto que os tivera por protetores. Na realidade, são Espíritos que precisam ser espíritas, única maneira, talvez, pela qual aprenderão a desprenderem-se das coisas terrenas, volvendo suas aspirações para uma vida mais pura e mais plena de venturas! Pois bem — nas festas juninas, dada a presença do fogo e da pólvora, a assistência espiritual é constituída de entidades desse quilate — motivo por que, não raro, graves incidentes e, até, tragédias lamentáveis vêm perturbar a alegria dos que, sem maldade, procuram divertir-se. Sobretudo as crianças, coitadas, mercê da sensibilidade espiritual que possuem, dotadas todas elas de perispírito muito delicado, facilmente são atingidas pelo pensamento de perversidade, ou de vingança, de Espíritos inferiores, para lá atraídos pela imprevidência, ou pela ignorância dos adultos. E quantos inocentinhos não se queimam seriamente, ficando deformados quando não mutilados para sempre, quantos?

De resto, agravando o sórdido ambiente de fumaça de pólvora, festas há em que se bebe um tal de quentão, mistura de alcoólicos, muito do sabor dos borrachos, segundo estou informado. Mas, para piorar a assistência espiritual, bastaria a presença de qualquer bebida alcoólica, por mais inofensiva que seja considerada sob o ponto de vista médico. Porque, ao verificarem os distúrbios provocados no organismo pelo álcool, os esculápios não equacionam os malefícios que o alcoólatra esparrama em volta de si, pela involuntária atração de Espíritos de antigos beberrões, que perambulam na órbita terrena, desequilibrados mentalmente, pelo vício que cultivaram em vida! De resto, para completar o constrangedor panorama espiritual, surgem, às centenas, aos milhares talvez, os balões de todos tamanhos e feitios. Aparentemente inócuos, os balões, quer pelo fogo e pelos gases que conduzem, no bojo, quer, sobretudo, pela categoria de Espíritos que a eles se agregam, no intuito de impulsioná-los, auxiliados, nesse mister, pela radiação do pensamento dos torcedores, que, cá de baixo, emitem valiosa energia espiritual para alvo tão destruidor, constituem, na realidade, pernicioso folguedo, que, além de concorrer para grande perda de fluido do perispírito dos que o acompanham com os olhos e com o desejo, ainda podem tornar-se autênticos projéteis para a consumação de incêndios, provocados pelo instinto de vingança dos próprios Espíritos que acompanham o seu deslocamento no espaço...

Como se infere, uma festa junina, a despeito de não aparentar é, sob o ponto de vista espírita, a coisa que mais se assemelha a uma macumba, tamanha é a equivalência entre os Espíritos, que, para lá, são atraídos, e os exus dos “terreiros”! Logo, para o espírita, o ambiente não serve.